

ESCOLA NOVA LOURENÇO CASTANHO
PROJETO CIENTÍFICO

**A EMANCIPAÇÃO DO DESEJO FEMININO E DO CONTROLE DOS CORPOS
DAS MULHERES NOS FILMES *ALICE ATRAVÉS DO ESPELHO* E *A BELA E A
FERA* E RELATOS DE ASSÉDIO CONTEMPORÂNEOS**

Giovanna Rafael de Moura
Gabriela Ponzoni dos Santos

Orientadora: Roberta Hernandes Alves

São Paulo
Novembro de 2020

RESUMO

Este trabalho busca contemplar a análise fílmica de *Alice Através do Espelho* e *A Bela e a Fera* por meio de leituras feministas. A partir daí, cria-se uma problemática ao se fazer a comparação entre ocorrências de machismo nos filmes, que se passam nos séculos XVIII e XIX e o contemporâneo. Deve-se considerar que, antigamente era comum a submissão feminina e o controle sobre suas vidas, seus filhos e com quem se casariam, enquanto a atualidade é contemplada pela presença marcante de lutas como as dos movimentos feministas que suscitam as mulheres a não se conformarem com as rédeas que a sociedade tenta colocar sobre elas.

Questionando o dito popular de que os tempos mudaram, esta pesquisa apresenta a exposição das mesmas situações passadas nos séculos anteriores e prova que mesmo após tanta luta, as mulheres ainda têm muito a batalhar por sua individualidade e independência. Para comprovar a tese central deste projeto, foram entrevistadas seis mulheres de diferentes classes sociais e diferentes idades. Elas foram convidadas a dar depoimento sobre os episódios onde viveram casos semelhantes aos de suas antepassadas, reforçando a ideia de que essas situações ainda existem, tendo apenas uma roupagem mais contemporânea.

Palavras-chave:

Feminismo. Contos de fada. A Bela e a Fera. Alice através do espelho. Mulheres. Liberdade da mulher. Contemporaneidade. Movimentos feministas. Machismo. Psicanálise. Desejo feminino. Repressão.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
1.1 A definição de feminismo	4
1.2 A escolha das obras	5
1.3 Recorte temático	6
2 METODOLOGIA	8
3 CAPÍTULO I - ANÁLISE DOS FILMES <i>ALICE ATRAVÉS DO ESPELHO</i> E <i>A BELA E A FERA</i>	13
3.1 Análise fílmica do filme <i>Alice através do espelho (2016)</i>	14
3.2 Análise fílmica do filme <i>A Bela e a Fera (2017)</i>	16
4 CAPÍTULO II - ANÁLISE E DIVULGAÇÃO DOS RELATOS ENVIADOS POR MULHERES	20
4.1 Primeiro relato	21
4.2 Segundo relato	22
4.3 Terceiro relato	23
4.4 Quarto relato	24
4.5 Quinto relato	25
5 REVISÃO TEÓRICA	28
6 CRONOGRAMA	30
7 CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

Para a realização deste projeto, considerou-se aspectos de análise feminista das obras: *A Bela e a Fera* e *Alice através do espelho*. Foi-se analisado em ambas produções a ocorrência de situações de machismo por parte de personagens homens e mulheres, criando um cenário mais semelhante ao esperado para aquela época. Apesar dessas situações serem essenciais para o clímax dos filmes, dificilmente uma mulher tomaria a mesma coragem das protagonistas, e apesar de ambientados para os seus respectivos anos, algumas das atitudes observadas perduraram 2 e 3 séculos até o então presente. Um olhar mais crítico é a chave para desencadear uma linha de pensamento que polemiza atitudes que são hoje pautas discutidas fervorosamente como atitudes incabíveis.

O trabalho busca problematizar por meio da conexão entre a fantasia fílmica e a realidade, como ainda existem muitos pontos a serem discutidos e mudados em busca da tão almejada igualdade entre sexos. Assim, como parte da temática do trabalho, ressalta-se que o feminismo pode ser o meio mais interessante pelo qual as mulheres podem exercer sua indignação por todo meio de opressão sofrido.

1.1 A definição de feminismo

Uma pergunta muito feita ultimamente é “O que é o feminismo?”, dentro de uma sociedade inclinada a acreditar que não precisa mais de livros ou que apenas uma fonte é o suficiente para se debater um assunto, essa pergunta possui suas mais variadas réplicas de acordo com os pontos de vista de quem a responde e o senso comum. A resposta pode ser encontrada nas palavras de uma grande escritora do movimento. Em uma entrevista, Simone de Beauvoir diz “Eu sempre disse que era feminista na medida em que feminismo, para mim, significa que eu reclamo uma identidade de situação entre o homem e a mulher, e de igualdade radical entre o homem e a mulher”. E ainda podemos completar sua fala com um trecho escrito por Chimamanda Adichie:

“Por que usar a palavra ‘feminista’? Por que não dizer que você acredita nos direitos humanos, ou algo parecido?” Porque seria desonesto. O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral — mas escolher uma expressão vaga como “direitos humanos” é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira

de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos. Seria negar que a questão de gênero tem como alvo as mulheres. Que o problema não é ser humano, mas especificamente um ser humano do sexo feminino. (ADICHIE, 2014, p. 42-43)

Desse modo, é numa perspectiva feminista que iremos analisar as obras selecionadas.

1.2 A escolha das obras

Ouvimos de muitas mulheres que o feminismo não se faz necessário ou presente em suas vidas, enquanto para outras ele possui um significado muito maior que um simples movimento, sendo uma parte crucial de suas vivências. Sabendo disso, a escolha dos filmes *Alice através do espelho* e *A bela e a fera* se deu graças às narrativas, já que as mesmas retratam lutas feministas por parte das protagonistas. A narrativa de *Alice através do espelho* retrata a vida de Alice, uma mulher inglesa comandante de seu próprio navio, herdado de seu pai:

Alice Kingsleigh começa o filme fazendo uma das coisas que mais ama em toda existência: navegar. Diferente de muitas garotas, ela queria ser como o pai e desbravar o mundo com suas aventuras. Ao chegar de uma de suas aventuras, Alice se prepara para entregar seu relatório diretamente ao dono da companhia que cobria suas excursões, Hamish. O encontro aconteceria em um baile, ao qual ela compareceu utilizando roupas nada tradicionais da Inglaterra naquele período. Hamish então conta a Alice que seu navio, o Maravilha, fora vendido meses antes por sua mãe. O motivo seriam os débitos atrasados, resultado principalmente da morte de seu pai, e pela desaprovação que sua mãe tinha por seus modos. Arrasada, a menina, que agora se via como uma mulher adulta, fugiu do salão cheio de vestidos e pompas, encontrando a brecha para o país das maravilhas dentro do escritório de Hamish. Lá, em meio à busca aos pais do chapeleiro, a loira acaba se desprendendo de suas fantasias e indo parar no mundo real, onde ela se encontra para ser internada em um hospício acusada de histeria. Com toda sua bravura, ela foge e volta ao país das maravilhas, descobrindo então que a família de Terry (Chapeleiro) estava presa em uma caixinha nas mãos da rainha vermelha. Com esforço Alice consegue salvar a todos, e como um agrado do Tempo, ela consegue voltar antes que sua mãe venda seu navio a Hamish. É nesse momento que a Sra. Kingsleigh afirma “A Alice faz o que a Alice decidir”, e então ela e sua filha se tornam as primeiras mulheres a possuírem uma companhia de navegação no país. Como toda história com um final feliz, Alice e sua mãe acabam abrindo sua própria companhia de navegação para velejar o mundo.

Assim como *Alice através do espelho*, o filme *A Bela e a Fera* também retrata a vida de uma forte mulher, dessa vez Bela, uma jovem que vive no interior da França:

Bela inicia o filme como uma simples camponesa cujo maior sonho é que exista alguém para entendê-la, seu maior vício é a leitura e por isso se sente

presa em uma cidade onde há apenas uma biblioteca minúscula. Gaston, um ex-militar volta da guerra com um único objetivo, casar com Bela, porém, suas expectativas não são alcançadas, uma vez que é rejeitado pela jovem. Mesmo com a negativa, Gaston não deixa de insistir no relacionamento, ressaltando sempre como a moça perde por não estar ao seu lado. Maurice, o pai de Bela, é inventor e vai à cidade para vender suas criações, mas em uma adversidade acaba chegando a um castelo, onde é preso por uma fera após apanhar uma rosa do jardim da criatura. Após Bela descobrir, corre ao castelo, trocando a prisão de seu pai pela sua. No lugar, a moça é bem tratada por objetos encantados (com vida), os mesmos que acreditam que a moça possa quebrar a maldição lançada por uma feiticeira, que condenava todo o castelo a permanecer escondido, os empregados como objetos e o príncipe como uma fera, a menos que o monstro encontrasse um amor verdadeiro. Enquanto isso, no vilarejo, Gaston não desiste da ideia de casar-se com Bela, tendo esse romance negado não só pela moça, mas agora por seu pai, o ex-militar resolve interná-lo, diagnosticando-o como louco. Ao ver por meio de um espelho mágico a situação de Maurice, Fera resolve libertar Bela para que salve seu pai. O vilarejo, descobrindo a existência de um monstro, resolve atacar o castelo, e Gaston age como mandante ao descobrir o afeto entre Bela e Fera, Em um enorme embate, a população enfrenta os objetos encantados ao passo que Gaston surpreende o monstro com um tiro, porém, o vilão cai nos escombros do castelo após o feitiço quebrar-se ao Bela revelar à debilitada Fera que o ama. Com todos do castelo agora humanos novamente, o filme termina com um final feliz, como a maioria dos contos de fada.

Apesar dos desdobramentos dos contos, é perceptível o caráter contestador das personagens: vemos que Alice, mesmo sendo alvo de diversos ataques machistas, se prova valente o suficiente para enfrentar todos que lhe apontam o dedo. Alice pode não usar a palavra feminismo ao longo do filme, mas a atriz que a interpreta, Mia Wasikowska, afirmou em uma entrevista para a revista Galileu que “Ela (Alice) representa uma nova geração de mulheres que almeja fazer muito mais do que suas mães puderam”, fazendo referência à luta feminina. Já a personagem Bela mostra a luta diária de uma mulher inteligente e dona de si em meio a uma sociedade retrógrada, que a julga a todo momento simplesmente por “ler demais”. Além de ter que lidar com Gaston, um homem totalmente machista e que não tolera o fato de não a ter como esposa.

1.3 Recorte temático

Dessa maneira, a partir de discussões e leituras sobre os possíveis temas, o grupo chegou a um recorte: o projeto busca explicar de que maneira a mulher vem tendo seus desejos direcionados pela sociedade e seus corpos comandados pelo sistema, lhes dizem o que fazer e como fazer, reprimindo todas aquelas que não se adequam aos padrões e se rebelam contra a estrutura patriarcal estabelecida

consciente ou inconscientemente pelas pessoas ao seu redor. Busca-se contemplar todos estes aspectos, trazendo a leitura de uma grande autora feminista e a unindo com uma obra atual que abrange o tema e o aprofunda em aspectos recentes, os fundamentando em diversos feitos do passado. Além da constatação literária, uma pesquisa feita com mulheres contemporâneas, a partir das análises fílmicas, buscará concluir por meio do tratamento dos relatos a forma como práticas machistas registradas em contos escritos nos séculos XVIII e XIX ainda estão presentes em nosso cotidiano, principalmente no feminino.

2 METODOLOGIA

Boa parte do trabalho tem como base diversos textos, livros e artigos, com exceção apenas dos contos que selecionamos, que são *live actions* dos textos escritos no papel. Analisando o contexto geral de produção dos filmes e as falhas entre o roteiro dos livros e os filmes, foi selecionada uma única produção de cada, que retratasse a história em uma maneira que pudesse ser utilizada nesta pesquisa. Assim foi escolhido *Alice Através do Espelho (2016)*, enquadrando-se bem no recorte temático de nosso projeto, e *A Bela e a Fera (2017)*, em que o machismo passa facilmente despercebido como algo “daquela época”, fortalecendo a ideia do grupo em esmiuçar partes da obra em que possam ser analisadas cenas com um olhar crítico e questionador, levando em conta a luta feminista e o tão profundo machismo enraizado na sociedade.

O grupo começou lendo obras feministas, em que a autora falava sobre seus desafios pessoais ao se expressar como feminista em um país onde o movimento é visto como algo negativo, que buscava a superioridade da mulher sobre o homem, ou que as afastaria das obras divinas ou mesmo que segregaria raças. Além de definir o que seria o feminismo ao seu ver, a escritora também pontua como ele está presente em nossas vidas até mesmo nos mínimos detalhes.

A partir desta análise, foi possível amarrar o contexto da escritora (que colocou em seu livro algumas experiências pessoais pelas quais passou) com o das personagens escolhidas; primeiro analisando a maneira como Bela não era levada a sério em sua aldeia por ser uma mulher solteira em que sua única preocupação era ler livros, seguindo essa lógica ela jamais seria capaz de tornar-se uma “mulher de respeito”. Sua única atitude considerada aceita pela população era a maneira como ela cuidava de seu pai, mostrando uma postura naturalmente cobrada da sociedade de modo que a exigência feita às mulheres seja a de deixar sua autonomia a fim de cuidar de sua companhia masculina. Depois, ao analisar a história de Alice, foi possível notar que para a época Alice era uma mulher muito destemida, pois além de ser comandante de seu próprio navio ela também lutava por suas convicções, não desejava se casar, apenas ser livre e se aventurar no mar. Vendo como único refúgio o país das maravilhas, onde não se sentia pressionada a agir da maneira que se era esperada por uma dama. É possível coligar as duas obras observando o modo em que Alice recorre ao mundo fantasioso de seus sonhos e Bela aos mundos utópicos

desenvolvidos nos livros, mostrando um caráter significativo na maneira em que as protagonistas usam para escapar de suas realidades afligidas.

Ao analisar os conceitos das obras no caráter feminista, foi necessária a análise de forma empírica, examinando as produções na psicanálise. Porém, para leitura de qualquer obra que retratasse um dos pilares da psicologia, era necessário um conhecimento prévio. Assim, foi decidido que a leitura mais adequada seria a de uma das obras do conhecido pai da psicanálise, Sigmund Freud. Então fez-se a interpretação de *5 lições de psicanálise (FREUD, 1910)*, que colocava de forma objetiva e bem exemplificada os estudos iniciais realizados por Freud e Breuer. Além disso, precisava-se de obras que mostrassem os desdobramentos da psicanálise nos contos de fada, tendo *A psicanálise dos contos de fada* de Bruno Bettelheim como exemplar. Todas essas leituras se fizeram importantes por servirem de base para o desenvolvimento do projeto como um todo. Trazendo à tona essas discussões, foi naturalmente observado suas semelhanças às narrativas fílmicas, em certa parte do filme, Alice precisa voltar para o mundo real e lá ela se vê presa em um hospital psiquiátrico diagnosticada com histeria feminina¹. Logo de cara foi pensado que fosse porque naquele contexto, apenas as mulheres pudessem ser tão loucas e fantasiosas. A partir disso, Freud questiona o senso comum da época, investigando os reais motivos da histeria feminina a fim de descobrir se sua tese de que se tratava de consequências psicológicas:

Quando tal quadro mórbido é encontrado em indivíduo jovem do sexo feminino, cujos órgãos vitais internos (coração, rins etc.) nada revelam de anormal ao exame objetivo, mas que sofreu no entanto violentos abalos emocionais, e quando, em certas minúcias, os sintomas se afastam do comum, já os médicos não consideram o caso tão grave. Afirmam que não se trata de uma afecção cerebral orgânica, mas desse enigmático estado que desde o tempo da medicina grega é denominado histeria e que pode simular todo um conjunto de graves perturbações. Nesses casos não consideram a vida ameaçada e até acham provável o restabelecimento completo. Nem sempre é fácil distinguir a histeria de uma grave doença orgânica. Não nos importa, porém, precisar aqui como se faz um diagnóstico diferencial desse gênero, bastando-nos a certeza de que o caso da paciente de Breuer era daqueles em que nenhum médico experimentado deixaria de fazer o diagnóstico de histeria. (FREUD, 1910, p. 2).

¹ Vale ressaltar que histeria tem sua origem em hyster, que significa útero em grego. Hipócrates acreditava que a histeria era causada pelo sangue do útero que subia e circulava no cérebro, sendo assim um problema exclusivo das mulheres. Além disso, por muito tempo a histeria feminina é tratada como uma grande mentira inventada pelas mulheres para poderem fugir de seus afazeres domésticos.

É possível observar que Freud desconstrói logo de início o rápido diagnóstico histérico que era feito pela maioria dos médicos da época, é nítido também a ênfase que o autor dá em dizer que não haverá nenhuma distinção de gênero, como já citado acima sobre a crença antiga de que a histeria se tratava de uma doença feminina. Dessa forma podemos ligar ao observado no filme *Alice através do espelho (2016)*, quando a protagonista é internada em uma clínica psiquiátrica com diagnóstico histérico. O comportamento de Alice que era considerado inadequado à época, simplesmente por fugir dos padrões, é motivo de ser considerada histérica, devido a influências machistas à sua volta.

Assim, devido a essas discussões e questionamentos, resolveu-se explorar discussões religiosas, considerando que a sociedade apoia-se muitas vezes em ensinamentos bíblicos devido a sua construção católica incumbida à força na época da colonização. Foram lidos alguns artigos sobre as práticas femininas nas vertentes do cristianismo como o catolicismo, evangelho e judaísmo. Evidencia-se que em todas essas vertentes, a mulher é considerada como infeliz quando é independente financeiramente e solteira, já que uma mulher consideravelmente feliz é aquela que edifica o lar e segue as ordens do marido. Além disso, a constituição da família é essencial, além da preservação da virgindade da mulher exclusivamente para aquele com quem ela irá se casar. Para essas religiões uma mulher que não aceita o homem como chefe de família, não aceita Deus como único criador e assim não tem a capacidade de educar e moralizar o lar. Algumas características que são pregadas como de uma verdadeira mulher são: silêncio, obediência, castidade, pureza, santidade e educação. Ao analisarmos essas definições é possível inferir que parte da não-aceitação do feminismo por grande parte da população mundial deriva dos pensamentos cristãos, adquiridos ao longo dos séculos através da colonização feita pelos países ainda muito cristãos da Europa e passados de geração em geração como forma de herança religiosa e disciplinatória. Trazendo essa discussão à tona fica mais fácil entender porque o movimento feminista perdura por tantos séculos e mesmo conquistando diversos direitos, ainda é necessária a crescente de lutas para tornar a igualdade de gênero real.

Ao iniciarmos discussões que levassem temáticas religiosas que persistem entre na sociedade a séculos, observou-se a necessidade da leitura de uma obra que trouxesse dados científicos e históricos a fim de comprovarmos a tese da religião como um dos pilares da não-aceitação do movimento feminista e que mostrasse parte

da luta vivida pelas mulheres contra a igreja, período conhecido como Inquisição. Dessa forma chegou-se a conclusões de grande parte do trabalho, o desenvolvimento histórico e o surgimento da perseguição feminina citado, como a caça às bruxas:

A caça às bruxas aprofundou a divisão entre mulheres e homens, inculcou nos homens o medo do poder das mulheres e destruiu um universo de práticas, crenças e sujeitos sociais cuja existência era incompatível com a disciplina do trabalho capitalista, redefinindo assim os principais elementos da reprodução social. [...] Nesta época de revoltas populares, epidemias e crise feudal incipiente, tiveram lugar os primeiros julgamentos de bruxas (no sul da França, na Alemanha, na Suíça e na Itália), as primeiras descrições do sabá (Monter, 1976, p. 18) e o desenvolvimento da doutrina sobre a bruxaria, na qual a feitiçaria foi declarada como uma forma de heresia e como o crime máximo contra Deus, contra a Natureza e contra o Estado (Monter, 1976, pp. 11-7). [...] Antes que os vizinhos se acusassem entre si ou que comunidades inteiras fossem presas do “pânico”, teve lugar um firme doutrinamento, no qual as autoridades expressaram publicamente sua preocupação com a propagação das bruxas e viajaram de aldeia em aldeia para ensinar as pessoas a reconhecê-las, em alguns casos levando consigo listas de mulheres suspeitas de serem bruxas e ameaçando castigar aqueles que as dessem asilo ou lhes oferecessem ajuda. (Larner, 1983, p. 2). [...] Uma das primeiras tarefas da imprensa foi alertar o público sobre os perigos que as bruxas representavam, por meio de panfletos que publicizavam os julgamentos mais famosos e os detalhes de seus feitos mais atroz. (FEDERICI, 2004, p. 290-296)

Considerando a passagem do livro de Federici, é possível notar como a igreja teve um grande papel na miscigenação de gênero na história, em decorrência do aprofundamento no capitalismo e a luta para convencer a população de que o corpo que não trabalhava era considerado sujo e ineficaz para a sociedade. Após pandemias como a da Peste Bubônica e guerras recentemente ocorridas, observou-se grande diminuição entre a população mundial, acontecimento esse que não favorecia o sistema capitalista que era iniciado a pouco naquela época. Para que o capitalismo acontecesse, era necessário haver mais pessoas que empregos/oportunidades, dessa forma, o governo necessitava de um meio de controle populacional fazendo com que as pessoas que gerassem mais pessoas (mulheres) não tivessem o poder de escolher entre gerar ou não, diminuindo as chances do não-crescimento em massa. Assim, apoiados em mandamentos cristãos, a igreja começou a condenar mulheres que tinham poder sobre o próprio corpo: mulheres que abortavam (a igreja pregava que essas crianças abortadas eram oferecidas ao Diabo como troca de favor, um mito cristão inventado para proibir a não-reprodução, já que assim a população não cresceria de forma exponencial, como queriam), as que não acreditavam em Deus, as que eram mais velhas e não tinham marido (segundo a igreja, mulheres mais

que estavam a tanto tempo sem um parceiro, escondiam alguma coisa como a bruxaria, por isso não se envolviam com ninguém na tentativa de “esconder”), curandeiras (que através de seus conhecimentos herbários curavam feridas e doenças graves, mas como atividade que não fornecia lucro direto ao Estado, não poderia ser sustentado), mulheres consideradas atraentes que “enfeitiçam” os homens e etc. Existiam diversas maneiras de uma mulher ser considerada bruxa, e as mesmas não tinham direito a julgamento, bastava a desconfiança de pessoas próximas para tornar-se realidade o castigo mortal das moças. Além disso, havia a pressão feita para que as tão aclamadas bruxas fossem levadas, então muitas vezes as suspeitas nem mesmo existiam, e sim eram feitas sob a condição de que ao não denunciar se estaria acobertando algo.

Após a realização da banca de qualificação e analisar parte do projeto que precisavam de um arremate, reformulamos a proposta, ao invés de falar sobre a psicanálise dos contos escolhidos e como se relacionam com a sociedade contemporânea, foi necessário outro recorte: focar no desejo reprimido da mulher. Este que é trazido por Freud em Cinco lições de psicanálise (1910), em que as mulheres desenvolviam patologias em decorrência aos seus desejos que eram reprimidos, já que na época elas deveriam ser recatadas e do lar.

Pensando nisso, viu-se a necessidade de ler um dos textos mais reconhecidos entre os feminismos: O segundo sexo, de Simone de Beauvoir. Com este texto o grupo foi capaz de contestar crenças populares como a de que mulheres nascem predestinadas a serem mães porque geram a criança:

Nunca, na Natureza, tudo é inteiramente claro: os dois tipos, macho e fêmea, nem sempre se distinguem com nitidez; observa-se, por vezes, entre eles, um dimorfismo [...] Entretanto, em conjunto, e principalmente no alto da escala animal, os dois sexos representam dois aspectos diversos da vida da espécie. Sua oposição não é, como se pretendeu, a de uma atividade e de uma passividade: não somente o núcleo ovular é ativo, como também o desenvolvimento do embrião é um processo vivo, e não um desenrolar mecânico. Seria simples demais defini-la como a da mudança e a da permanência. O espermatozóide só cria porque sua vitalidade mantém-se no óvulo; o óvulo só se pode manter superando-se, sem o quê, retrocede e degenera. É verdade, entretanto, que nessas operações, ambas ativas, manter e criar, a síntese do servir não se realiza da mesma maneira. (BEAUVOIR, 1929, p. 45)

Assim, por meio de diversos exemplos entre relações animais e explicações biológicas, ao longo do primeiro capítulo do livro O Segundo Sexo, Simone

desmistifica a ideia de que o homem é poderoso porque ejacula, porque sem o óvulo, os espermatozoides morrem; desmistifica também a ideia de que a mulher é superior por gerar uma criança, porque o óvulo sem o espermatozoide não geraria nada. Dessa forma, Simone conclui que nenhum gênero é superior ao outro, ambos são iguais, já que um depende do outro para sobreviver e/ou se reproduzir.

Assim, após a leitura de tantos textos literários, chegou-se a um dos recortes do projeto: como essas práticas iniciadas nos séculos VII e VIII ainda ocorrem na sociedade? A caça às bruxas, sendo considerada uma maneira de silenciar e se livrar de pessoas que não favoreciam o sistema, ainda existe nos dias de hoje? Se sim, como? De que maneira um discurso opressor retratado em obras de 1700 e 1800 ainda pode existir nos anos 2000?

Finalmente chegou-se a um desdobramento para verificar nossa hipótese: analisar partes dos filmes em que é possível observar-se atitudes feministas por meio das protagonistas e partes dos filmes em que é possível notar a presença do machismo não só na fala mas também em atitudes de homens e mulheres. Partindo desta premissa, conectamos essas situações hipoteticamente fictícias criadas apenas para contextualizar a época e as trazemos para o século XXI, comparando a situações reais que não só provam que na verdade essas ideias ainda existem como são frequentemente observadas no dia a dia. Saindo dessas análises e as observando ainda como parte de uma grande hipótese, parte-se para o desenvolvimento de uma pesquisa que questiona diferentes mulheres sobre o machismo estrutural vivenciado em algum momento de suas vidas. Com os resultados, será feita uma costura meticulosa entre os dados coletados e as hipóteses que podem ou não se findar.

3 CAPÍTULO I - ANÁLISE DOS FILMES *ALICE ATRAVÉS DO ESPELHO* E *A BELA E A FERA*

Assim, após as leituras e com os questionamentos feitos, chegou-se a uma hipótese: o desejo da mulher e a opressão deles, vistas nos filmes, ainda ocorre na sociedade contemporânea?

Pensando nisso, foram necessárias análises fílmicas para tornar tais acontecimentos explícitos nos filmes a serem trabalhados (*Alice através do espelho* e *A Bela e a Fera*), para que em seguida uma pesquisa relacionando os fatos analisados, fosse disparada.

3.1 Análise fílmica do filme *Alice através do espelho* (2016)

Tal como colocado anteriormente, a proposta em incluir os filmes na pesquisa seria de fazer uma análise das coisas que eram muito comuns na época em que se passam, explicando minuciosamente as razões pelas quais esses acontecimentos não deveriam ser aceitos. A partir disso serão colocados os relatos recolhidos e se realizará uma comparação entre o que foi observado dos filmes e os ocorridos reais coletados, assim testando a teoria de que mesmo após dois ou três séculos algumas coisas não mudaram tanto quanto se imagina.

Neste capítulo será feita análise do filme *Alice Através do Espelho*, filme lançado em 2016 e escolhido por conter diversas cenas representativas do machismo, feminismo e força feminina.

(06:59 - 07:05): À volta de sua viagem um ano atrasada, Alice deseja fazer uma proposta a algum momento que fosse relacionado ao casamento deles 3 anos antes, a mãe dela lhe alerta que ele já se casou pois não poderia esperar por Alice. É uma grande surpresa quando Alice revela na verdade estar interessada em uma proposta comercial, já que os três anos no mar foram suficientes para que ela traçasse novas rotas comerciais que esperava poder sugerir a Hamish e ao comitê.

Esta cena remete a algo muito comum para a época: casamentos arranjados. O primeiro filme se contextualiza no casamento de Alice com Hamish, a garota tecnicamente não poderia recusar o casamento já que ele seria importante para enriquecer sua família (composta apenas por si e sua mãe já que seu pai morre fatidicamente) e a colocar em uma boa posição social.

Mesmo com toda pressão exercida, Kingsleigh recusa o casamento e a partir daí desenvolve um laço comercial com o pai de Hamish que lhe cede um navio e parece ser a única pessoa a acreditar no potencial de Alice. Isso se dá pois ele enxerga nela o mesmo vigor que seu pai tinha, e como ex parceiros de negócios se tratavam como iguais. Por essa razão é que ele trata Alice com maior parceria, ao contrário de seu filho. É algo que se pode provar através do seguinte trecho:

Para todos os que sofrem de complexo de inferioridade, há nisso um linimento milagroso: ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso do que o homem que duvida de sua virilidade. Os que não se intimidam com seus semelhantes mostram-se também muito mais dispostos a reconhecer na mulher um semelhante. (BEAUVOIR, 1949, p.19)

(07:29 - 07:43): Todos que olham para a roupa que Alice escolheu a olham com espanto e reprovação, afinal de contas uma mulher naquela época deveria se vestir com um vestido pomposo que lhe apertasse a cintura e ressaltasse seus seios. Ao contrário do esperado, ela veste uma espécie de macacão nada discreto e não se preocupa com sua postura ou mesmo em fingir alguma classe. Dá a entender que a mulher não pode ter autonomia alguma em escolher sua própria roupa.

(09:43 - 10:12): Alice vai até o conselho apresentar seus planos para as próximas viagens. Lá, descobre que seu navio fora vendido por sua mãe a Hamish, que lhe oferece um emprego como secretária. Ele explica que nenhuma outra companhia aceita mulheres trabalhando nelas, que o fato dele aceitar Alice como secretária já é um grande passo revolucionário. O conselho, composto por homens velhos e grisalhos, ri de Alice quando esta afirma ter capacidade para ser capitã. Quando se trata deste tópico, Federici ilumina a problemática, nos mostrando o quão desvalorizado era o trabalho feminino:

Como nos conta Merry Wiesner, entre outros, ganhava espaço (no direito, nos registros de impostos, nas ordenações das guildas) a suposição de que as mulheres não deviam trabalhar fora de casa e de que tinham apenas que participar na “produção” para ajudar seus maridos. Dizia-se até mesmo que qualquer trabalho feito por mulheres em sua casa era “não trabalho” e não possuía valor, mesmo quando voltado para o mercado (Wiesner, 1993, p. 83 e segs.). Assim, se uma mulher costurava algumas roupas, tratava-se de “trabalho doméstico” ou de “tarefas de dona de casa”, mesmo se as roupas não eram para a família (FEDERICI, 2004, p.182)

(11:14): Helen, mãe de Alice, assegura que vendeu o navio para que a filha pudesse ter uma vida decente. Acentua que o tempo está contra Alice, já que o adequado para a época seria que ao início da fase adulta as mulheres logo se casassem. Assim pode-se concluir que, para Helen, Alice não pode ser feliz se não se casar. Ela complementa, dizendo que comandar um navio não é vida digna de uma verdadeira dama. Como mãe, Sra. Kingsleigh não aceita que Alice seja para sempre uma mulher solteira, e novamente pode-se colocar um trecho escrito por Federici:

O casamento era visto como a verdadeira carreira para uma mulher, e a incapacidade das mulheres de sobreviverem sozinhas era algo dado como tão certo que, quando uma mulher solteira tentava se assentar em um vilarejo, era expulsa, mesmo se ganhasse um salário. (FEDERICI, 2004, p.184)

(11:52): Ainda se tratando da discussão do trecho anterior, Helen joga a frase “Toda mulher deve aceitar que não pode fazer tudo que deseja. Eu aceitei”, reforçando a noção da mulher submissa, não apenas ao seu marido, mas a todos ao seu redor.

A partir desta derrota, surgiu um novo modelo de feminilidade: a mulher e esposa ideal — passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com suas tarefas. [...] Agora, as mulheres eram retratadas como seres passivos, assexuados, mais obedientes e morais que os homens, capazes de exercer uma influência positiva sobre eles. (FEDERICI, 2004, p. 205)

(12:55): Hamish fala sobre as aventuras de Alice, afirmando “Ela passou meses no mar, vestida como uma nativa. Sabemos o quanto faz mal a um homem imagine a uma mulher”, e na cena é possível observar que todos os homens ao redor riem. Esse é mais um exemplo claro sobre a maneira a qual as mulheres eram vistas, sempre inferiorizadas e tratadas como incapazes, sem ao menos ter a chance de se provarem boas o bastante.

(1:10:21): Alice acorda em um hospício, o médico lê em sua prancheta a descrição das ações que a levaram para aquele lugar “inquieta, emotiva, delirando. Um caso típico de histeria feminina”. Em Freud desvenda-se as diversas facetas da histeria, que se prova, ao contrário do que se acreditava na época, um problema que pode atingir a qualquer gênero.

(1:41:43): No final do filme a mãe de Alice finalmente percebe que o melhor que poderia fazer por sua filha seria apoiá-la em suas decisões. É neste momento que Helen afirma “a Alice faz o que a Alice desejar”. Assim, indo contra todos os padrões impostos ao longo da obra, as duas juntas fundam sua própria agência de exploração, importação e exportação marítima.

3.2 Análise fílmica do filme *A Bela e a Fera* (2017)

Como citado na metodologia a necessidade de esmiuçar o filme com olhar crítico e questionador, nesta seção é buscado o propósito de trazer não só análises pessoais e sim embasamentos teóricos ou históricos que comprovem a visão machista ou opressão social sobre a mulher nas cenas selecionadas a serem analisadas.

(05:59 - 08:08): Moradores do vilarejo constantemente criticando o estilo de vida de Bela, incitando como ela deveria ou não se comportar, crítica principalmente aos livros que a moça lê e o fato de saber ler. É considerada esquisita principalmente por não se comportar como os outros, coisa que segundo os moradores é “obrigatória”;

A partir desta derrota, surgiu um novo modelo de feminilidade: a mulher e esposa ideal — passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com suas tarefas. Esta mudança começou no final do século XVII, depois de as mulheres terem sido submetidas a mais de dois séculos de terrorismo de Estado. Uma vez que foram derrotadas, a imagem da feminilidade construída na “transição” foi descartada como uma ferramenta desnecessária, e uma nova, domesticada, ocupou seu lugar. Embora na época da caça às bruxas as mulheres tenham sido retratadas como seres selvagens, mentalmente débeis, de desejos insaciáveis, rebeldes, insubordinadas, incapazes de autocontrole, no século XVIII o cânone foi revertido. Agora, as mulheres eram retratadas como seres passivos, assexuados, mais obedientes e morais que os homens, capazes de exercer uma influência positiva sobre eles. (FEDERICI, 2004, p. 205)

(08:17): Gaston diz “Bela é a mulher mais bonita da vila, por isso a melhor” objetificando-a como um prêmio e não valorizando-a com o seu verdadeiro valor como deveria, outro olhar machista visto no filme, em que é possível analisar como a sociedade é estimulada ao mito da beleza, ideia de que uma mulher só é socialmente aceita quando ela excede os níveis de beleza “convencionalmente aceitos”, tal fato pode ser comprovado por Naomi Wolf em:

O mito da beleza tem uma história a contar. A qualidade chamada "beleza" existe de forma objetiva e universal. As mulheres devem querer encarná-la, e os homens devem querer possuir mulheres que a encarnem. Encarnar a beleza é uma obrigação para as mulheres, não para os homens, situação esta necessária e natural por ser biológica, sexual e evolutiva. Os homens fortes lutam pelas mulheres belas, e as mulheres belas têm maior sucesso na reprodução. (WOLF, 1990, p. 15)

(10:29 - 10:37): Gaston convida Bela para jantar, mesmo ela recusando, ele insiste dizendo “ocupada?”, como se o único motivo para a moça recusar tal pedido de um homem tão bonito e renomado no vilarejo, fosse algum compromisso ou o fato de estar ocupada. Insinuando que uma mulher não pode simplesmente não querer sair, ela deve ter algum motivo para não ir ao compromisso;

O verdadeiro problema para a mulher está, em recusando essas fugas, realizar-se como transcendência; trata-se de ver, então, que possibilidades lhe abrem o que se chama atitude viril e atitude feminina; quando uma criança

segue o caminho indicado por tal ou qual de seus pais, é talvez porque retoma livremente os projetos deles. Sua conduta pode ser o resultado de uma escolha motivada por certos fins. Mesmo em Adler, a vontade de potência não passa de uma espécie de energia absurda; ele denomina "protesto viril" todo projeto em que se encarna a transcendência. (BEAUVOIR, 1949, p. 71)

(10:44): “As mais difíceis de pegar são sempre as melhores presas, é o que torna Bela tão atraente” - Gaston;

[...] é a síntese indissolúvel da atração e da repulsa que o caracteriza. É notável que muitas fêmeas animais fogem do coito no próprio momento em que o solicitam: tacham-nas de faceiras, de hipócritas, mas é absurdo pretender explicar comportamentos primitivos assimilando-os a condutas complexas. São eles, ao contrário, que se encontram na base das atitudes do que se denomina na mulher faceirice, hipocrisia. A idéia de uma "libido passiva" desnorteia porque se definiu a libido a partir do macho como impulso, energia; [...] (BEAUVOIR, 1949, p. 70)

(12:41): Após chegar em casa, depois de ter recebido olhares e comentários tão indesejáveis da vila sobre seus comportamentos, Bela questiona seu pai: “Papai, você me acha estranha?”, prova de que a reprovação da sociedade em relação a seu comportamento mexeram com seus sentimentos, evidenciando a necessidade de contestação à outra pessoa para consumir tal pensamento pregado pelo vilarejo em sua mente;

(16:57 - 17:02): Gaston diz que as únicas crianças que Bela deve se preocupar (referência a menina que Bela estava ensinando a ler) são as que eles farão juntos, a moça diz que não está pronta para ter filhos, o homem então insiste seguindo Bela, que estava a todo momento tentando se distanciar dele;

[...] afinal, uma esposa podia “ajudar-lhes” com o trabalho que eles realizavam para os comerciantes, ao cuidarem de suas necessidades físicas e do provimento dos filhos. (FEDERICI, 2004, p. 194)

(17:12- 17:23): Gaston diz à Bela: “Sabe como ficam as solteironas quando os pais morrem?” após isso, aponta para uma pedinte, alegando que acabam pedindo esmola. afirma: “esse é o nosso mundo”;

Na Alemanha, quando uma mulher de classe média tornava-se viúva, passou a ser comum a designação de um tutor para administrar seus negócios. Também foi proibido às mulheres alemãs que vivessem sozinhas ou com outras mulheres. No caso das mais pobres, não podiam morar nem com suas próprias famílias — afinal, pressupunha-se que não seriam adequadamente controladas. Em suma, além da desvalorização econômica e social, as mulheres experimentaram um processo de infantilização legal. A perda de

poder social das mulheres expressou-se também por meio de uma nova diferenciação sexual do espaço. Nos países mediterrâneos, as mulheres foram expulsas não apenas de muitos trabalhos assalariados, como também das ruas, onde uma mulher desacompanhada corria o risco de ser ridicularizada ou atacada sexualmente (Davis, 1998). (FEDERICI, 2004, p. 200)

(17:25 - 17:28): Gaston tenta convencer Bela a se casar com ele, nesse momento o moço puxa a saia dela, como se estivesse forçando-a de estar lá, Bela arranca sua saia da mão de Gaston, insistindo em sua devolutiva negativa à proposta do moço.

4 CAPÍTULO II - ANÁLISE E DIVULGAÇÃO DOS RELATOS ENVIADOS POR MULHERES

Neste capítulo, serão analisados como tais situações vividas pelas protagonistas dos filmes *Alice através do espelho* (2016) e *A Bela e a Fera* (2017) não são só problemas enfrentados em ficções científicas ou quaisquer filmes e sim problemas reais de mulheres contemporâneas. Todos os relatos foram enviados via Gmail e respondidos pelo mesmo, a mensagem encaminhada às participantes foi:

“Nós, Gabriela Ponzoni dos Santos e Giovanna Rafael de Moura, alunas da 2ª série do Ensino Médio da Escola Lourenço Castanho, estamos realizando uma pesquisa na qual buscamos vislumbrar através do feminismo os desafios enfrentados pelas protagonistas Alice e Bela nos filmes *Alice através do espelho* e *A bela e a fera*. Nesses filmes, as protagonistas enfrentam o que muitas das mulheres da época enfrentaram (séculos 18 e 19). Por meio do levantamento dos dilemas enfrentados por elas, pretendemos trazer essa problemática para o século atual, testando a nossa hipótese de que, mesmo diante de tantos avanços, nossa sociedade ainda carece de discussões sobre problemas sociais envolvendo questões de gênero. **Para que nossa pesquisa possa prosseguir, gostaríamos que você fizesse um relato de uma situação vivida em que tenha se sentido reprimida, humilhada ou mesmo assediada por homens.** Para fazer esse relato, você vai precisar de um tempo médio entre 10 (dez) e 25 (vinte e cinco) minutos. Os relatos obtidos serão estudados por nós e por nossa orientadora e os dados coletados serão divulgados de forma anônima. [...]”²

É importante salientar que todos os nomes usados no trabalho são totalmente fictícios, principalmente para preservar a imagem e segurança das entrevistadas. As idades e profissões são as únicas informações reais, sendo relevantes para demonstrar que nem mesmo a diferença de idade ou classe social é capaz de isentar uma mulher de comportamentos machistas e opressores.

² É importante destacar que o tema abordado pode trazer desconforto, vontade de falar sobre o assunto ou mesmo pedir ajuda. Pensando nisso, ao enviar o e-mail, foram indicados diversos locais especializados em receber mulheres vítimas de violência, seja ela moral ou sexual. Como não é vista a necessidade de expô-los aqui já que se tratam principalmente de estabelecimentos localizados na capital de São Paulo, será ocultado da pesquisa final.

4.1 Primeiro relato

Ficha técnica:

Gisele, 16 anos, estudante, atualmente cursando o Ensino Médio.

Hi girls, achei muito necessário (Sic) a pesquisa de vocês para que possamos entender a imensidão de problemas que ainda vivemos mas consideramos “normais” ou “coisas do passado”.

Acho que toda mulher já sofreu assédio sexual/moral pelo menos uma vez na vida e no meu caso não foi diferente. Vamos lá para o babado.

Bom, eu moro no Horto do Ype em um condomínio bem no fundo e na época eu fazia um curso de inglês e voltava a pé pra casa porque era bem pertinho. Nesse dia em questão eu demorei um pouco para sair do curso e já tinha escurecido e minha rua é BEM vazia. Então estava quase pertinho de casa bem tranquila, um homem apareceu e segurou meu braço muito forte (muito forte mesmo, eu fiquei com a marca no braço por uns 2 dias) e ele falava pra mim (Sic) ficar “quietinha”. Naquele momento eu achei que o pior ia acontecer comigo e não tinha mais por onde correr, estava quase aceitando o fato. Só que uma moça apareceu passeando com o cachorro (muito do nada aliás) e apenas perguntou “o que está acontecendo? Serei obrigada a chamar a polícia?”. O homem (nojento) me soltou e foi simplesmente embora sem vergonha alguma! A moça me ajudou a me acalmar e me levou até a porta do meu condomínio. Acho que tudo isso aconteceu eu tinha 13/14 anos e não consigo esquecer de cada detalhe. Tirando isso há vários outros casos como as buzinas frequentes, os assobios, as cantadas sem noção e até assédio na minha família.

Nesse relato é possível ver claramente a semelhança com o episódio vivido por Bela, que mesmo ela se distanciando, e negando o convite repetidas vezes, Gaston ainda sim insiste, mostrando sua incapacidade de receber um não. É evidente que nessa situação vivida por Gisele, o homem não perguntou se ela queria ou se tinha interesse, evidenciando outra frase retirada do filme: “As mais difíceis de pegar são sempre as melhores presas”, como se mulheres fossem objetos a se usar e jogar fora ou animais para caçar. Dessa forma, com esse relato é possível evidenciar 2 episódios que infelizmente retratam formas de opressão que seguindo a linha deste trabalho acadêmico, datam entre 1700-1800. Situações como essa são tão comuns que geraram a criação de uma campanha e coletivo chamado “Não é não”, campanha que visa conscientizar pessoas, sobretudo durante o carnaval, a não deixarem com que homens façam coisas como a que Gisele precisou passar, além de conscientizar homens a não insistirem depois de terem ouvido um “não”, incentiva outras pessoas a apoiarem mulheres que são assediadas depois de terem negado algo.

4.2 Segundo relato

Ficha técnica:

Luana, 16 anos, estudante, atualmente cursando o Ensino Médio.

Ser mulher é difícil: são tantos desafios que passamos e tantas situações constrangedoras que ficaria horas escrevendo. Mas uma situação na qual me sinto reprimida e constrangida na maioria das vezes, é caminhar na rua, principalmente se eu estiver sozinha. Os acontecimentos vão desde um olhar pervertido até assobios e buzinas. Ou seja, no dia-a-dia já me sinto muito reprimida pela objetificação da mulher, que é o que ocorre muitas das vezes, ao sermos vistas apenas como um “pedaço de carne”. Desde criança por ter sido mais gordinha e ter um bumbum maior, sofri com isso. Me lembro de dias que caminhava na rua para ir para a aula de futebol ou natação, e já sentia as miradas maldosas de homens 20, 30, 40 e até 50 anos mais velhos do que eu. Eu era apenas uma criança, e já sentia toda a amargura que era ser mulher, viver na pele o machismo. Porém, uma situação específica que aconteceu esse ano (2019), foi uma das que mais me assustou, e eu fiquei com muito medo de algum dia retornar àquela rua outra vez. Eu estava indo para a podóloga de carro com a minha mãe, e ela preferiu me deixar na esquina pois seria mais fácil seguir o caminho de casa, sem ter que dar a volta no quarteirão que estava engarrafado. Então eu saltei do carro, e eram apenas 100 metros de distância, eu diria. No meio tempo passei por homens, assumi que estivessem trabalhando na obra ao lado, já que estavam com roupas sujas e capacetes. Nisso, já me senti desconfortável em ter que passar por aquele monte de homens que juntos pareciam querer me secar de tanto que olhavam. Porém passei, e enquanto eu passava um deles apontou pra mim, e disse para alguns dos outros homens que estavam com ele: “É essa gostosinha que vamos levar, já traz o carro que eu pego.”. Na hora, eu entrei em pânico e comecei a acelerar o passo, enquanto um deles levantava lentamente. Consegui correr e entrei dentro de um estabelecimento, até conseguir de fato entrar na podóloga. Olhando para trás, poderia ter sido uma brincadeira de muito mal gosto, apenas para mexer comigo, mas eu realmente não quis pagar pra ver. Eu tive sorte: tive sorte da rua estar movimentada, afinal, se aquilo fosse a noite, numa rua deserta, sabe-se lá o que poderia ter acontecido comigo? E o que me dói é ver de fato que somos apenas objetos para eles. O homem que apontou para mim, apesar de saber que eu estava claramente vendo ele apontando para mim, não ligou. Ele simplesmente não ligou, e não estava nem aí se eu percebesse ou não, afinal sou algo irracional e um pedaço de corpo para ele. E isso me dói, porque para muitos homens, criados dentro desse modelo patriarcal, vão sempre ter dentro de si algo que cultue o machismo, que deve imediatamente começar a ser combatido e conscientizado. Precisamos que nossos meninos cresçam e entendam o que é o feminismo, e entendam de uma vez por toda que não é o oposto de machismo. É na verdade a luta pelos direitos, pela equidade. Precisamos de homens que respeitem as mulheres, para assim criarmos uma sociedade segura, onde mulheres possam viver e fazer coisas normais que são “perigosas” e que nos colocam em algum risco. Queremos poder sair à noite na rua, sem ter medo; queremos poder usar a roupa que quisermos, sem estar passando para os homens um tipo de “provocação”; queremos poder ir a um bar e curtir uma noite com amigas e amigos sem ter o problema de ser drogadas, assediadas, ou até estupradas; queremos poder conquistar coisas que não pela aparência; queremos ter direitos iguais - salários, tratamento, respeito. Queremos ser livres...

Seguindo o mesmo conceito do relato anterior, pode-se analisar a forma como mulheres são constantemente tratadas como objetos. Em casos como este é comum que as pessoas tratem como se fosse algo normal, e Luana teve como sua única

alternativa fugir, e para a “sua sorte” a rua era movimentada e haviam estabelecimentos próximo. Da mesma maneira em *A Bela e a Fera (2017)* que a única saída de Bela foi entrar correndo em casa para fugir da insistência de Gaston, Luana teve que lidar com isso fugindo para um lugar fechado onde não seria alcançada pelos homens que anteriormente a deixavam coagida.

A normalização de ideias como essa e a não denúncia ou mesmo a desvalidação do depoimento da vítima são as razões pelas quais hoje em dia ainda ocorrem diversos sequestros de mulheres que são mantidas em cativeiro, estupradas e mortas, sendo depois encontradas em matagais ou zonas rurais mais afastadas. É importante ressaltar que, viver com medo ou mesmo fugindo comprova que, uma das principais leis brasileiras não é exercida adequadamente. Segundo o quinto artigo da constituição federal, “*Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade*”, e neste caso há uma falha na segurança do país, já que Luana não é a primeira e nem mesmo a única mulher a viver sob constante medo e preocupação com a própria vida e a própria dignidade.

4.3 Terceiro relato

Ficha técnica:

Yasmin, 16 anos, estudante, atualmente cursando o Ensino Médio.

Não vivi ou presenciei só uma dessas situações, mas sim várias. Ser mulher infelizmente é sentir medo todos os dias de andar na rua, principalmente se você está sozinha.

Dentro desse mês (outubro,2020) passei por uma situação aonde (Sic) mesmo acompanhada do meu pai, um homem que estava passando na rua me assediou, assobiando e fazendo comentários desnecessários. Na hora fiquei sem reação e o meu pai começou a "debater" com o mesmo.

Como na nossa sociedade infelizmente ainda perguntam o horário, que roupa a gente estava usando ou se estávamos sozinhas: era 10:30 da manhã, eu estava de calça de moletom larga e uma camiseta e estava acompanhada de outro homem.

Nesse caso tem-se um clássico exemplo de repressão sofrida pela mulher desde os primórdios. Como observado na página 11 desta pesquisa, mulheres que fossem muito atraentes, ou muito “gostosas” ao ver masculino eram consideradas bruxas e normalmente denunciadas e mortas. O resquício deixado a partir disso foi a

ideia de que, mulheres com roupas curtas ou que andem muito arrumadas seriam merecedoras de castigos tais como estupro ou assédio. Esse tipo de pensamento não abrange apenas homens como também mulheres, que acreditam fielmente que o problema está na roupa e não no acusado. Tal crença pode facilmente ser refutada pelo número de casos de estupro de crianças com menos de dez anos e até mesmo bebês, que além de não possuírem maldade alguma não podem se defender contra os monstros que as atacam.

4.4 Quarto relato

Ficha técnica:

Angela, 18 anos, estudante, atualmente cursando o Ensino Médio.

Um dia eu fui andando até a papelaria perto de casa, algo que eu sempre faço. Era um dia que eu tinha aula de dança, então eu estava usando uma legging cinza e uma camiseta curtinha (eu deveria ter uns 13 ou 14 anos, mas lembro disso, pois lembro de sair de casa me sentindo bonita e confiante com essa roupa). Eu era nova, mas já tinha um corpo mais desenvolvido. Voltando da papelaria eu fui abordada por um homem de uns 35 anos (eu acho) que estava vendendo mandioca na esquina de uma das ruas pelas quais eu passei, e ele me olhou de cima abaixo, diretamente, com um olhar malicioso. Em seguida, parou na minha frente, impedindo minha passagem e perguntou meu nome. Eu não respondi e tentei passar por ele, e foi quando ele tentou me segurar pelo braço, mas eu desviei, por reflexo. Eu andava e ele andava ao meu lado dizendo que eu era muito bonita e pedindo meu número de telefone. Eu congelei, não conseguia dizer nada, só andar para frente e ignorar o que tinha acabado de acontecer. Queria sair dali o mais rápido possível, eu estava me sentindo muito vulnerável, mas eu sabia que ele não podia fazer nada para mim pois era de tarde e a rua estava cheia. No entanto, isso não impediu ele de me abordar daquele jeito poucos segundos atrás. Só mostra como esse tipo de coisa é naturalizada. Continuei meu trajeto chorando baixinho e olhando pra trás pra ver se tinha alguém me seguindo. Cheguei em casa ainda abalada, eu já tinha sido assediada antes, mas nunca haviam tentado encostar em mim, me seguir, interagir comigo.

Algumas horas depois ainda pensava no que tinha acontecido e lembro de ter falado pro meu pai, buscando seu apoio. Entretanto, ele me perguntou que roupa eu estava usando, quando eu respondi que eram aquelas leggings, ele disse que era pra eu tomar cuidado, que era melhor eu não usar roupas justas na rua. Eu, uma menina de 13/14 anos, usar leggings me tornava um alvo, eu, uma criança. Eu estava errada, “era só eu ter usado uma outra roupa, mais larga, que nada teria acontecido.” foi o que pensei. Estava esperando que ele ficasse com raiva do homem que fez isso comigo, ou triste com a situação, ou ao menos me abraçasse, sei lá. Não ganhei nada disso, foi mais um interrogatório.

Hoje tenho 18 anos e ainda passo rápido ao passar por aquela esquina, na verdade, foram poucas as vezes que fiz esse caminho novamente. Involuntariamente, passei a cruzar a rua e ir para a outra calçada. Ainda vendem mandioca lá, só não sei se é o mesmo cara (espero que não). As leggings, ainda tenho elas, mas não uso elas mais, quase nunca (não lembro a última vez). Não fiz nada disso de propósito, eu só fiz, e agora percebo que tem relação com esse acontecimento.

Se isso me marcou assim, imagina o que acontece com outras mulheres. Nossa, isso não é nada perto do que outras mulheres passam, e depois falam que não precisamos de feminismo...

Aqui pode-se destacar a relação entre pai e filha, marcado agora por este acontecimento. Quando Ângela afirma que busca por seu pai a fim de uma palavra amiga, um apoio, acaba recebendo uma resposta que provavelmente muitas outras mulheres recebem todos os dias ao buscarem por socorro. Esta é uma das maneiras que encontra-se para silenciá-las e invalidar sua dor, afinal, como dito no relato anterior, mulheres que usam roupas “sensuais” ou que são “muito bonitas” são vistas na sociedade como mulheres que ao passarem por tais situações desconfortáveis acabam sendo invalidadas pois é visto como uma punição para seu comportamento “leviano”.

Ao contrário de Angela, é achado em *A Bela e a Fera* uma situação completamente diferente, na qual Bela recebe todo apoio e ajuda de seu pai quando precisa. Partindo desse exemplo notamos que quando se trata de opressão feminina não necessariamente precisa vir de muito longe, muitas vezes ocorre dentro de casa, vindo de pessoas que deveriam oferecer apoio e acabam por ajudar no desenvolvimento de traumas pessoais levados para o resto da vida.

4.5 Quinto relato

Ficha técnica:

Mônica, 55 anos, formada em Administração nível MBA, atualmente Diretor Financeiro Sênior para a América Latina em uma empresa americana de tecnologia.

Durante todos estes anos de carreira (15 anos), cerca de 30 anos em empresas americanas do setor, apesar de serem sempre empresas intensamente comprometidas com questões de ética no ambiente de trabalho, sempre foi rotina lidar com comentários sexistas, disfarçados de piadas. Uma mulher que se posiciona fortemente em uma reunião é vista como ‘mandona’ e se for excessivamente gentil é vista como fraca e incapaz. Os projetos geralmente são iniciados pelos executivos homens e é preciso o dobro de esforço e comprometimento (leia-se aí uma jornada de 14 diárias) para que uma mulher seja vista como relevante e seja incluída no grupo do projeto desde o início.

Uma situação comum é estar-se em uma reunião onde é preciso tomar notas, solicitar água para a copa ou mesmo ligar no celular de algum membro atrasado para a reunião – e para todas estas tarefas espera-se que a mulher na sala tome a posição de assistente e o faça. Não importa se ela tem o mesmo título executivo dos outros participantes da reunião.

Nunca vi um homem do escritório ouvir comentários sobre o novo corte de cabelo, ou roupas. As mulheres, sempre. Um funcionário que tem comportamento inadequado por excesso de bebida na festa de final de ano da empresa é visto como um fanfarrão. Uma mulher que tenha idêntico comportamento vira assunto para comentários reprovatórios nas conversas privadas de almoços e cafés nas semanas seguintes.

Para as mulheres o julgamento é sempre duro, exigente, espera-se uma postura sempre gentil e colaborativa, mas recatada nas roupas e no falar. E tolerante aos comentários sexistas, é apenas uma piadinha! O que a competência e eficácia profissional tem com o tamanho da saia ou do decote? Nada. Mas em 2020 apenas os tamanhos mudaram, mas o julgamento ainda é como de 3 séculos atrás.

Quase sempre, é isto é importante para vocês meninas refletirem, os comentários negativos que afetam a reputação de uma profissional nascem de outras mulheres. Sim, são as mulheres que julgam nas conversas em segredo, a saia é curta, bebeu demais, não sabe se comportar, é uma namoradeira, etc, até o ponto em que a reputação é afetada. E os comentários sexistas, abusivos, públicos, vem dos homens. E as decisões de carreira são tomadas com base na reputação construída, e essa espera-se que seja a reputação de uma “boa moça, mulher decente, senhora elegante”.

Devemos sempre lembrar, pois talvez um dia vocês serão mães, de que os homens de hoje, moços e velhos, foram em sua maioria criados e educados também por mulheres. A forma como ensinaremos aos nossos filhos e filhas dentro de casa determinará o futuro da posição da mulher na próxima década, século, milênio. Cada criança que aprender a não ter estereótipos do que é “coisa de menino e coisa de menina” será o multiplicador para este novo mundo onde uma mulher seja vista como um ser igual ao homem. Nem mais forte e nem mais fraca. Nem mais sagrada nem menos sagrada. Mas apenas um humano, diferente em sua natureza fisiológica, idêntico em suas competências intelectuais e desejos de felicidade.”

Neste relato é possível observar a exposição de não apenas um, mas vários exemplos que diferenciam o tratamento entre homens e mulheres que tomam as mesmas atitudes. A visão que se tem é a de que as mulheres se tornam inferiores aos homens por agirem igual a eles, e pode-se inferir que isso vem da ideia de não pertencimento da mulher neste ambiente. Isso pode ser observado em um dos trechos da análise do filme de Alice Através do Espelho, onde Alice tem todo seu esforço e seu trabalho invalidado pelo conselho simplesmente por ser mulher, além de virar motivo de piada. Como ressaltado por Federici em seu livro, a mulher por muito tempo foi expulsa da área de trabalho, sendo colocada para fazer o “não trabalho” de cuidar de casa.

Entretanto, forçar as mulheres a procriar contra a sua vontade ou, como dizia uma canção feminista dos anos 1970, forçá-las a “produzir filhas e filhos para o Estado”¹⁰² é uma definição parcial das funções das mulheres na nova divisão sexual do trabalho. Um aspecto complementar foi a redução das mulheres a não trabalhadoras, um processo muito estudado pelas historiadoras feministas, e que estava praticamente completo até o final do século XVII. Nessa época, as mulheres haviam perdido espaço inclusive em empregos que haviam tradicionalmente ocupado, como a fabricação de cerveja e a realização de partos. As proletárias, em particular, encontraram dificuldades para obter qualquer emprego além daqueles com status mais baixos: empregadas domésticas (a ocupação de um terço da mão de obra feminina), trabalhadoras rurais, fiandeiras, tecelãs, bordadeiras, vendedoras ambulantes ou amas de leite. (FREDERICI, 2019. p.182)

Podemos correlacionar este trecho com a inserção da mulher no mercado de trabalho, inicialmente feita por causa da revolução industrial já que os donos das

fábricas buscavam gastar menos com os salários e os serviços prestados por mulheres valem menos que o trabalho masculino. Porém, foi apenas durante a primeira e segunda guerra mundial que de fato elas foram aderidas como trabalhadoras. Com os homens morrendo na guerra, as mulheres tinham que assumir seus papéis dentro e fora de casa, e assim foram incluídas como trabalhadoras dignas.

A partir disso, pode-se inferir que essa retaliação sofrida pelas mulheres em seus ambientes de trabalho vem deste trecho da história, acreditando-se que as mulheres só devem estar ali se for para preencher lacunas e certamente as tratando como inferiores já que não seria algo “natural” que a mulher trabalhe.

5 REVISÃO TEÓRICA

Começamos nossa pesquisa por meio da leitura do livro *Sejamos todos feministas* (ADICHIE, 2015) de Chimamanda Adichie, no qual pudemos absorver um pouco mais sobre o que seria o feminismo, o porquê ele é importante e onde se encaixa atualmente. Leitura essa que contribuiu para firmar um dos grandes pilares do projeto.

Em seguida lemos *Cinco lições de psicanálise* (FREUD, 1910), de Sigmund Freud, que explica e analisa a histeria usando-a como exemplo em toda sua obra para mostrar como a ideia de que as mulheres eram loucas estava errada. A leitura auxiliou principalmente a construção da problemática na análise de partes do filme *Alice Através do Espelho* (2016).

Após a absorção e entendimento sobre a psicanálise e sua aplicação, o grupo partiu para a leitura do livro *A psicanálise dos contos de fada* (BETTELHEIM, 1976), o mesmo que definiu um dos rumos do projeto, definindo também grandes descobertas por trás das figuras místicas e suas construções sociais que são apresentadas nos contos.

Questionando um possível surgimento do pensamento machista por parte da igreja, lemos a iniciação científica *Relações de gênero e religiões: os papéis designados à mulher* (2010), trata-se de uma pesquisa de campo analisando o papel da mulher segundo os ensinamentos cristãos baseados em vertentes do catolicismo, evangelho e judaísmo, além de analisar religiões de matriz africana, como a umbanda. A partir dessa leitura, foi possível notar questões como a diminuição da mulher se comparada à figura masculina e o julgamento sobre mulheres solteiras e independentes, sendo caracterizadas como infelizes e indignas do amor divino. Analisando esse tipo de definição e pensamento se viu necessária a procura de um texto que mostrasse o início da diminuição feminina em vertentes cristãs.

Dessa formas chegamos ao livro *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo, e acumulação primitiva* (FEDERICI, 2004), sendo esse um dos maiores pilares do projeto, a obra auxiliou o entendimento não só da caça às bruxas, mas também a sua origem e suas consequências para as futuras gerações e a sociedade contemporânea. Explicando sobre a objetificação do corpo feminino e como isso originou uma das mais sangrentas épocas da história, a leitura tornou-se um dos

textos mais esclarecedor e explicativo lidos pelo grupo, fazendo com que a origem do movimento feminista ficasse muito mais claro e objetivo.

Concluindo, após discussões e com o apoio das sugestões feitas pela banca de qualificação, chegou-se ao último texto de apoio, sendo também outro pilar do trabalho, segurando todos os conceitos junto ao *Calibã e a Bruxa (2004)*, Simone de Beauvoir, com *O Segundo Sexo (1929)* chega ao projeto para desmistificar mitos criados e enraizados na sociedade até hoje. Simone com seu texto consegue comprovar a igualdade de gênero baseando-se em dados biológicos, exemplificando relações entre fêmeas e machos no mundo animal, trazendo exemplos para os seres humanos.

6 CRONOGRAMA

Atividade	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov
Leituras teóricas	x	x	x		x			
Escrita do relatório					x	x		
Recolhimento de relatos							x	x
Escrita do relatório final								x

7 CONCLUSÃO

Dessa forma, após longos meses de esforço e trabalho duro, o grupo pode comprovar por meio de dados, referências e análises que sim, práticas machistas, retratadas em obras dos séculos 18 (dezoito) e 19 (dezenove) ainda perduram na sociedade contemporânea. Por meio de pesquisas bibliográficas, leituras de dados, recolhimento de relatos, comprova-se a repressão do desejo feminino, seja ele de andar tranquilamente na rua sem ouvir assobios, vestir uma roupa curta sem se preocupar com os perigos de estupro que podem assolá-la nas ruas, ou mesmo com roupas consideradas masculinas como é possível notar em um dos relatos, seja até mesmo quando se busca conforto no colo familiar e encontra-se apenas os mais duros espinhos lá deixados por uma normalização injusta da repressão feminina.

A pesquisa comprova cientificamente que lutas como o feminismo libertam e emancipam os direitos femininos, mas que infelizmente, mesmo com a luta secular de milhões de mulheres pelo mundo e em diversas épocas da história, vivências como estupro, assédio moral e sexual, invasão de privacidade e sobretudo o machismo, ainda perduram na sociedade atual.

Elaborado por duas mulheres e orientado por uma, esta pesquisa busca com a sua publicação, comprovar e questionar a forma como as mulheres são tratadas e vistas socialmente, plantando uma dúvida apimentada de “será que o feminismo é, de fato, desnecessário?” e desafiando o nosso mundo a seguir como o de dois ou três séculos atrás, tendo em vista a quantidade de mulheres que felizmente aderem ao movimento ou de homens que tomam consciência todos os dias. A luta não termina por aqui, ainda.

REFERÊNCIAS

ALICE Through the Looking Glass. Direção de James Bobin. Estados Unidos da América: Walt Disney Pictures, 2016. 1 DVD (113 min).

BEAUTY and the Beast. Direção de Bill Condon. Estados Unidos da América: Walt Disney Pictures, 2017. 1 DVD (129 min.).

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. 1ª edição. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2015.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. 29ª edição. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2014.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo** (1949). Disponível em < <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2018/03/beauvoir-o-segundo-sexo-volume-11.pdf> > Acesso em 15 nov. 2020.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo, e acumulação primitiva**. 1ª edição. São Paulo: Ed. Elefante, 2017.

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise** (1910). Disponível em < <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=1636878> > Acesso em 7 set. 2020.

HORLLE, Kyndze Rodrigues; TERRA, Ana Pereira; BRUNET, Alice Einloft. **Relações de gênero e religiões: os papéis designados à mulher**. 2010. Iniciação Científica (Faculdade de Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza** (1990). Disponível em < http://bibliopreta.com.br/wp-content/uploads/2018/01/O-mito-da-beleza_-como-as-imagens-de-beleza-s%C3%A3o-usadas-contras-as-mulheres-1.pdf > Acesso em 14 nov. 2020.